

Luta para forçar 2.º turno une Lula e Ciro



Ciro e Lula: aproximação acelerada com declaração de ministro do TSE favorável a Fernando Henrique

Candidatos do PT e do PPS divulgam manifesto em que apontam risco de disputa perder legitimidade

VERA ROSA

Foi um acordo de cavalheiros. Durante 50 minutos, os dois principais candidatos de oposição à Presidência, Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e Ciro Gomes (PPS), deram uma trégua aos ataques recíprocos e uniram-se em torno de um diagnóstico: a legitimidade da eleição pode ficar comprometida se a disputa terminar no dia 4. Lula e Ciro divulgaram ontem um manifesto no qual sustentam que “a República ameaça transformar-se em uma fraude”, alertam para a gravidade do momento político-econômico e pedem à população uma chance para que haja debate e segundo turno.

O pronunciamento conjunto dos dois adversários, em São Paulo, já estava acertado há uma semana. Em conversas reservadas, estrategistas das campanhas do PT e do PPS admitiam temer que a iniciativa parecesse um ensaio do discurso da derrota. Mas a declaração do presidente do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), ministro Ilmar Galvão, de que a vitória do presidente Fernando Henrique Cardoso é “um fato indispensável para a consolidação do modelo econômico”, serviu de combustível para a crítica mais dura ao instituto da reeleição e ao chamado uso da máquina na corrida presidencial.

“Se o ministro não convocar cadeia nacional de rádio e TV para retratar-se, sou obrigado a reconhecer que o processo eleitoral estará sob suspeição”, afirmou Lula. “Um homem que vai dirigir o pleito e diz uma coisa dessas deveria renunciar ao cargo e dar o lugar a outra pessoa que falasse menos e trabalhasse mais.” Sentado ao lado do petista, o candidato do PPS disse que o comentário de Galvão transformou o País “em objeto de galhofa, mais ainda do que numa república das bananas”.

Ciro ressaltou, porém, que não compartilha da ideia de que a eleição já esteja manchada pela ilegalidade. “Tenho resistências a esse raciocínio porque, com toda a deformação no processo, os cidadãos ainda são livres para votar”, observou. Mesmo assim, ao definir a falta de debate sobre os problemas do País como “uma quase censura praticada pelo governo, com a conivência da mídia”, o ex-governador do Ceará foi taxativo: “Uma grave crise de legitimidade atingirá o governante que sair eleito das urnas.”

Afogados – A última pesquisa do Ibope, da semana passada, indica vitória de Fernando Henrique no primeiro turno, com 47% das intenções de voto. Lula está em segundo lugar, com 24%, e Ciro em terceiro, com 6%. “Os números foram escandalosamente manipulados e serão ajustados nesta reta final”, previu Ciro. Tanto ele como Lula negaram que estejam pensando em renunciar às candidaturas e destacaram suas identidades próprias.

“Podem falar que capitulamos e estamos dando o abraço dos afogados, mas isso não é verdade”, disse o concorrente do PPS. “Somos homens de luta, com projetos e trajetórias diferentes, e o que nos une é a reclamação da ausência de debate sobre a fase delicadíssima que vamos enfrentar.”

O cenário previsto por Ciro, que foi ministro da Fazenda no governo Itamar Franco, é sombrio: recessão brutal em 1999 e, na pior das hipóteses, perda do controle da taxa de câmbio. “Se Fernando Henrique não tivesse perdido a composição e jogado na lata do lixo uma biografia brilhante para se entregar ao conchavo da reeleição, perceberia que o debate sobre a crise financeira era necessário”, argumentou. Na opinião de Lula, o presidente esconde-se “sob o manto” do Real. “E chamar a oposição para um pacto, agora, faz parte da sua performance cínica”, resumiu.

